A INFLUÊNCIA DOS AVÓS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Letícia Redondaro[1]
Vitória Oliveira de Freitas[2]
Gabrielly Santana[3]
David Aguiar de Oliveira[4]
Rosa Maria Frugoli da Silva[5]

RESUMO: O objetivo do trabalho é comparar o desenvolvimento de crianças que são criadas pelos genitores ou apenas um deles, com o de crianças que possuem a participação ativa dos avós neste período, com base na teoria psicanalítica. Foram realizados estudos com crianças na primeira infância, que moram com os pais ou apenas um deles, com e sem a presença dos avós e relacionando com o desenvolvimento infantil. Através dos estudos pode-se notar que as experiências diferentes de vida dos avós influenciam nos diversos campos do desenvolvimento na hora de educar os netos, tanto positiva, quanto negativamente, tendo em vista que por um lado os avós contribuem para o desenvolvimento de um maior respeito entre as gerações e por outro, pode haver uma confusão e inversão dos papéis dos avós com os pais da criança.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Primeira infância. Influência dos avós. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Na atualidade o cuidado das crianças pequenas vem se tornando cada vez mais compartilhado. A razão principal para isso é a participação progressiva da mulher no mercado de trabalho, mas por outro lado, essa situação é muito recorrente também em famílias de baixo e médio nível socioeconômico. Nestes cenários, se torna necessário que as crianças permaneçam sob os cuidados de outras figuras cuidadoras (PESSÔA et al., 2014).

[1] Graduanda em Psicologia na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. E-mail: leticia.redondaro7@gmail.com.
[2] Graduanda em Psicologia na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. E-mail: vitoriafreitas4@hotmail.com.
[3] Graduanda em Psicologia na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. - gabrielly.santana@gmail.com.
[4] Psicólogo. Mestre em Saúde Coletiva. Doutorando em Psicologia da Saúde na Universidade Metodista de São Paulo. - psicologiadavid@gmail.com.
[5] Psicóloga. Doutora em Ciências pelo Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo, Professora de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Metodista de São Paulo. - rosa.silva1@metodista.br.

De acordo com Coutrim, Broto, Maia e Vieira (2006), os avós são as principais figuras de compartilhamento, visto que muitos avós já estão aposentados e estabilizados financeiramente, então acabam por demonstrar disponibilidade para cuidar das crianças. Em virtude disso, muitos exercem o apoio afetivo e moral, bem como oferecem maior suporte financeiro para seus netos.

Neste cenário de compartilhamento, as crianças estarão em contato com crenças, valores e comportamentos diferentes, não sendo necessariamente semelhantes ou convergentes aos da principal cuidadora, a mãe (KELLER; CHASIOTIS, 2007 apud PESSÔA et al., 2014). Para a autora, as vivências sociais iniciais, sendo elas crenças e práticas dos cuidados, individuais e compartilhadas, constituem base na trajetória do desenvolvimento do Self, tendo em vista que segundo a teoria do amadurecimento de Winnicott, o Self nada mais é do que o potencial que ganha contorno e emerge após o potencial inato encaminhar o ser humano em direção ao amadurecimento, por meio de um ambiente facilitador (WINNICOTT, 1983 apud GALVÁN 2009; AMIRALIAN, 2009).

A aptidão dos cuidadores no trato com as crianças carrega uma bagagem que reflete sua linguagem, constituída a partir de suas crenças, valores e cultura, na qual foram inseridos, e a trajetória do desenvolvimento do próprio Self. Dessa forma, os avós cuidam das crianças de acordo com aquilo que pensam sobre eles e sobre como deve ser esse cuidado com as mesmas, adaptando sua linguagem e fala. Da mesma forma, a criança nasce num meio linguístico e possui pré-disposição em compartilhar com membros da espécie e, envolvida nessa interação, ela se desenvolve cognitiva, emocional e socialmente, denominando-se envelope narrativo, sendo fornecido não apenas pela mãe, mas também por avós e cuidadores (KELLER;CHASIOTIS, 2007 apud PESSÔA et al. 2014).

Portanto, este trabalho teve como propósito investigar de que maneira os avós influenciam no desenvolvimento infantil, comparando o desenvolvimento de crianças que são criadas somente pelos pais e crianças que possuem os avós participando deste processo.

1 MÉTODO

1.1 Tipo de pesquisa

Através do uso da Revisão Sistemática intencionou-se chegar ao objetivo proposto nesse trabalho. Dada a importância e a viabilidade do tema, fez-se necessário a busca de uma revisão da literatura existente, que acontecerá através do rastreio de artigos nas bases de dados sobre desenvolvimento infantil e a influência dos avós neste processo.

Usou-se o Protocolo PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Metanálises) para a realização desta pesquisa, visando a organização e seleção dos estudos através de um fluxograma de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão.

1.2 Critérios de elegibilidade

Critérios de inclusão: Estudos com crianças na primeira infância, que moram com os pais ou apenas com um deles, com e sem a presença dos avós neste processo e estudos acerca do desenvolvimento infantil; indexados em bases de dados publicados em português ou inglês, sem corte temporal.

Critérios de exclusão: Estudos sem determinação de metodologia clara e sem relevância para este trabalho e aqueles que aparecem de forma repetida nas bases de dados consultadas.

1.2 Fontes de informação e de busca

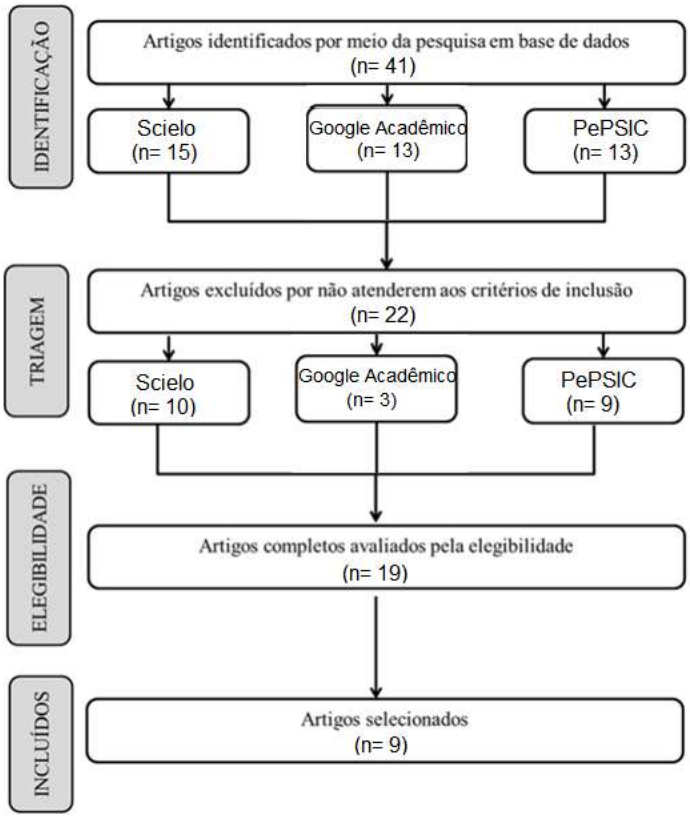
O rastreio dos artigos desejados para a pesquisa aconteceu nos sites Scielo, PePsic e Google Acadêmico, utilizando os operadores booleanos “and” e “or” e terão como descritores: desenvolvimento infantil, influência dos avós no desenvolvimento e avós, sem limite temporal.

1.3 Processo de coleta de dados

Este processo foi composto de duas fases:

Na primeira fase, foram lidos os resumos/abstracts e a partir disso identificou-se a pertinência para o tema do trabalho e na segunda fase foram lidos os estudos selecionados a fim de extraírem-se as informações pertinentes ao presente trabalho.

FIGURA 1. FLUXOGRAMA ADAPTADO DO MODELO PRISMA UTILIZADO NA SELEÇÃO DOS ESTUDOS. SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP), BRASIL, 2020.



1.4 Síntese dos resultados

Os estudos encontrados foram analisados pelos autores do artigo antes de serem incluídos na sistematização dos achados da pesquisa.

2 RESULTADOS

Durante a coleta de dados foi possível verificar que a maioria dos artigos excluídos na fase de leitura completa, não eram pertinentes a temática do trabalho e outros, apesar de apresentar temas relacionados a avós presentes no período de desenvolvimento infantil, não informavam como eles influenciam neste processo.

TABELA 1. REFERÊNCIAS SELECIONADAS PARA ESTA REVISÃO SISTEMÁTICA.

Autor	Tema	Revista	Local	Ano	Base de dados
(1) DEUS, M. D; DIAS, A. C. G.	Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura.	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	Santa Catarina – Santa Maria	2016	PePSIC
(2) GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D.	Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA.	Epidemiologia e Serviços de Saúde.	Brasília	2015	Scielo
(3) CARDOSO, A. R. & Brito, L. M. T.	Ser avó na família contemporânea: Que jeito é esse?	Psico-USF	Bragança Paulista	2014	Scielo
(4) OLIVEIRA, A. R. V.; PINHO, D. L. M.	Relações entre avós e seus netos adolescentes: uma revisão integrativa	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	Rio de Janeiro	2013	Scielo
(5) MILNER, J. C	Linguística e Psicanálise.	Revista Estudos Lacanianos	Belo Horizonte	2010	PePSIC
(6) GALVÁN, G. B; AMIRALIAN, M. L. T. M	Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica.	Aletheia	Canoas	2009	PePSIC
(7) MÉLEGA, M. P	Linguagem em psicanálise: gênese e significação	Ide	São Paulo	2007	PePSIC

(8) FALCÃO, D. V. S.; SALOMÃO, N. M. R.	O papel dos avós na maternidade adolescente	Estudos de Psicologia	Campinas	2005	Scielo
(9) KREPPNER, K	The child and the family: Interdependence in developmental pathways.	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Brasília	2000	Scielo

Conforme os dados apresentados acima, os artigos foram publicados entre os anos de 2000 e 2016. Para responder à pergunta que norteou o estudo (O desenvolvimento das crianças pode ser influenciado se houver presença constante dos avós na primeira infância?), optou-se por analisar os estudos selecionados e apresentados na figura 2.

3 DISCUSSÃO

3.1 Desenvolvimento infantil

O período entre o nascimento e os 3 anos de vida da criança são essenciais no processo do desenvolvimento infantil. Este contempla todas as fases de desenvolvimento, ou seja, ela aprenderá a falar, andar, pensar e se comunicar, além de serem estabelecidos os alicerces para aquisições futuras (CYPEL, 2011).

A primeira infância contempla até o 6º ano da criança e é incumbida pela formação da estrutura emocional e afetiva. Neste período o cérebro irá se desenvolver com uma velocidade que não se repetirá em nenhum outro momento do desenvolvimento (STILES; JERNIGAN, 2010; CARSON et al., 2015). É possível ver que o cérebro da criança é influenciado pelos estímulos recebidos, visto que, assim que ela interage com o meio, as sinapses neurais formam conexões entre si (os circuitos neurais) que são essenciais para o aprendizado (CYPEL, 2011).

São primordiais para o desenvolvimento infantil os três primeiros anos de vida do bebê, já que a criança adquire a habilidade de falar, andar, pensar e se comunicar, ocorrendo, também, o alcance de valores e comportamentos sociais que contribuem para o desenvolvimento da personalidade. Portanto, é importante a atenção em alguns fatores

específicos, como por exemplo cuidados básicos de saúde e cuidados psicológicos também, como por exemplo nutrição, higiene, interação social e contato físico (CARSON et al., 2015).

A criança é inteiramente dependente dos seus primeiros cuidadores nessa fase, sendo assim de extrema importância que ela estabeleça relações seguras e que se perpetuem entre a mãe e o pai e com o ambiente que a cerca para sobreviver. Estes vínculos serão responsáveis por estimular seu aprendizado, estabelecer ou modificar comportamentos, desenvolver a capacidade de pensar e expressar comportamentos nas ações futuras, favorecer ou não sua evolução intelectual e emocional, "no sentido de modificar a condição de absoluta dependência inicial do recém-nascido, promovendo o desenvolvimento e a aquisição de uma progressiva autonomia" (WINNICOTT, 1990; MCGAUGH, 1992 apud CYPEL, 2011).

A partir disso, é possível dizer que o desenvolvimento afetivo tem seu início pelo apego que é o vínculo afetivo básico, onde o bebê estabelece relações que fazem parte do seu meio social e desenvolve características de conduta, sentimentos e representações mentais (BOWLBY, 1988; 1989). A psicanálise nos apresenta a presença de uma articulação entre os diferentes níveis de desenvolvimento (linguagem, afetivo, motor e cognitivo), que não ocorrem isoladamente, e sim de forma simultânea e integrada, a partir do contato com o próprio corpo e o ambiente que os cerca (WINNICOTT, 1994). Estas teorias do desenvolvimento em resumo demonstram que a saúde mental é a base para alcançar as demais habilidades do desenvolvimento humano (NSCDC, 2004). E a saúde mental do bebê depende da vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (BOWLBY, 1988).

O ambiente maternante é um aspecto muito importante para o desenvolvimento do bebê segundo Winnicott (1945; 1978). Refere que a relação e interação mãe-bebê se dá como imprescindível no desenvolvimento e amadurecimento saudável. O processo de amamentar exige esforços da mãe que vão além da disponibilidade de desenvolver o holding (refere-se à rotina de cuidados cotidianos que dão suporte corporal e psíquico à criança) e o handling (que se refere à manipulação do bebê durante os cuidados físicos, que o caracteriza). A mulher (mãe) precisa: limitar o consumo de alimentos que podem gerar cólicas e mal-estar no bebê, de álcool e outras substâncias que podem contaminar o leite; além de preparar a mama durante os intervalos das mamadas, entre outros. Essa devoção apontada por Winnicott (1945; 1978) durante o primeiro ano da maternidade é desenvolvida, significativamente, em caso de aleitamento materno. É também é importante ressaltar que o procedimento de localização da psique no corpo precisa tanto da experiência pessoal do bebê, que se dá por meio de seus impulsos e sensações corporais, como também dos cuidados com o corpo, a satisfação das

condições instintivas que levam à gratificação, precisará do cuidado físico dedicado à criança pelos pais (WINNICOTT, 1982).

As experiências de vida desse bebê, não somente com a mãe, mas também com os demais cuidadores, influenciarão no seu desenvolvimento, visto que o desenvolvimento de uma fase sempre irá interferir no desenvolvimento das posteriores. Desta forma, tanto as experiências positivas com seus cuidadores, quanto as negativas, podem interferir no seu desenvolvimento (VERNY; WEINTRAUB, 2014).

Com a presença de estímulos positivos, por exemplo: um ambiente acolhedor e saudável, com cuidados básicos tanto de saúde quanto psicológicos, são gerados diversos benefícios, desde uma maior autoconfiança, autoestima e boa capacidade de lidar com as outras pessoas, até habilidades de lidar com desafios cotidianos e adversidades quando adultos (BOWLBY, 1988). Em contrapartida, a presença de estímulos negativos, como por exemplo: presença de doenças psíquicas parentais, falta de afeto com cuidadores, podem gerar prejuízos tanto na infância quanto na vida adulta, sendo eles relacionados a aprendizagem, saúde física e produtividade (SHONKOFF, 2011).

Portanto, é interessante que haja um investimento na melhora das condições de vida e na formação de um ambiente estruturado, visto que a qualidade dos estímulos na primeira infância é essencial para o desenvolvimento da criança e de suas potencialidades. Assim sendo, essa qualidade de vida a partir do investimento infantil irá repercutir até a vida adulta, proporcionando a criação de sociedades mais acolhedoras e respeitosas com o ser humano (CYPEL, 2011).

3.1.2 Etapas do desenvolvimento

Há várias teorias que descrevem o desenvolvimento infantil esperado para as crianças de até 3 anos. Abaixo serão apresentadas cada fase do desenvolvimento infantil e o que é esperado para cada uma delas:

3.1.2.1 Primeiro ano de vida

Segundo Oliveira (2020) é esperado que a criança do seu nascimento aos 3 meses faça contato visual, reconheça padrões de face, chore para expressar seus desejos, mame, enxergue cores, reaja a sons, sorria e brinque com seus próprios pés e mãos.

O recém-nascido, por exemplo, percebe e aprende com o ambiente a sua volta, sendo totalmente sensível às experiências às quais fica exposto (STILES; JERNIGAN, 2010; VERNY; WEINTRAUB, 2014), experiências estas que permanecerão registradas na memória emocional ao longo de toda a sua vida e influenciarão tanto no desenvolvimento emocional quanto no cognitivo (SEPTEMBER; RICH; ROMAN, 2015; VERNY; WEINTRAUB, 2014).

Além disso, ele apresenta um conjunto de reflexos típicos, que correspondem às suas condições de maturidade neurológica (LEFEVRE, 1950; PRECHTL; BAITEMA, 1964; DIAMENT, 1976 apud CYPEL, 2011) sendo eles: Preensão palmar (nascimento - 2 meses), preensão plantar (nascimento - 10 meses), apoio plantar (nascimento - 3 meses), marcha reflexa (nascimento - 2 meses), moro (nascimento - 3 meses), pontos cardeais (nascimento - 3 meses) e sucção reflexa (nascimento - 3 meses).

Em relação ao seu desenvolvimento motor, são destacadas três etapas fundamentais: Sustentação da cabeça (entre 2 e 5 meses), sentar-se sem apoio (entre 7 e 10 meses) e andar sem apoio (entre 12 e 18 meses) (DIAMENT; CYPEL, 2010 apud CYPEL, 2011). Então no seu primeiro de vida é esperado ela seja capaz de realizar os dois primeiros tópicos, além de explorar alimentos e objetos, imitar sílabas, engatinhar, manipular objetos, ficar de pé e é possível que ela se assuste com estranhos, no período entre 6 e 9 meses (OLIVEIRA, 2020).

4.1.2.2 Segundo ano de vida

É um período intenso de desenvolvimento, onde a criança começa a ganhar, progressivamente, habilidades motoras, de comunicação e independência e demonstra mais seus interesses. Inicia o fazer escolhas, negando aquelas sugestões que não são de seu interesse imediato (CYPEL, 2011).

O desenvolvimento motor irá se enriquecer progressivamente, o bebê “mostra maior agilidade com o próprio corpo, caminha com maior segurança e desenvoltura” (CYPEL, 2011). Suas habilidades manuais irão se aprimorar até o final do segundo ano, onde a criança será capaz de manipular melhor os objetos, fazer encaixes com brinquedos e usar colher para se alimentar (CYPEL, 2010 apud CYPEL, 2011).

Em relação a linguagem, com o passar dos meses, é possível observar que competências para a compreensão e memória desenvolvem-se de forma rápida na criança (RIVA; RAPIN; ZARDINI, 2006 apud CYPEL, 2011). Ela passa a entender tudo que é dito a ela e irá, sucessivamente, emitir palavras, começando pelas dissílabas (mamá, papá)

isoladamente e depois ficará mais articulada, formará novas palavras ao seu próprio modo, podendo trocar alguns fonemas, por exemplo: chamar casa de “tasa” ou pato de “tato” (CYPEL, 2011).

Como este é um período de transição de bebê para criança, “compreendê-lo nesta época, seus sentimentos e necessidades, é essencial para a construção de um vínculo saudável com a figura materna, com os outros e com a vida” (ROSENBLUTH; HARRIS; OSBORNE; O´SHAUGHNESSY, 1973 apud CYPEL, 2011).

Neste período ela irá adquirir novas habilidades, começa a andar sozinha, passa a ter noção de profundidade, imita sons de animais e humanos, começa a falar e a apontar o dedo, tem noção espacial e gosta de novas descobertas. Entretanto, é essencial que a criança se desenvolva em seu próprio ritmo, visto que esta é uma questão fundamental para ela: ser uma pessoa separada, com capacidade de aprendizagem e com capacidade de fazer muitas coisas por si só (CYPEL, 2011).

4.1.2.3 Terceiro ano de vida

O terceiro ano de vida da criança “será um período de intensa diferenciação, principalmente nos âmbitos intelectual, social e emocional” (CYPEL, 2011), na medida em que a criança irá ampliar seus relacionamentos e irá em busca da interação com colegas de sua idade (TREVARTHEN; AITKEN, 1994; COLE; COLE, 2003, apud CYPEL, 2011).

O desenvolvimento motor continua se refinando nesta idade e a criança, com mais desembaraço, corre, pula e é capaz de subir escadas, ela tem mais interesse por brincadeiras com mais ação (apresenta grande interesse em escorregadores) e em ambientes abertos, corre e se distancia dos pais. Habilidades com membros inferiores e com os dedos também são aprimoradas (CYPEL, 2011).

No que diz respeito a linguagem, segundo Cypel, 2011, a criança terá um certo interesse em ouvir estórias, o que irá contribuir na ampliação de seu vocabulário, na capacidade de aprender a construir frases de um modo correto e mais elaborado. Portanto, o vocabulário é aumentado, a criança formula frases mais longas, de cinco a seis palavras e, mesmo que apresentem erros, estas se mostram organizadas. Ela narra pequenos acontecimentos e são capazes de organizar histórias a partir de desenhos de livros (CYPEL, 2011).

Ela também se mostrará mais interativa, formulando perguntas, expressando suas vontades e pedindo informações. Além de aprender a nomear objetos de seu ambiente, saber

dizer seu nome e sua idade e ter noções de alto/baixo, dentro/fora, em cima/em baixo e atrás/na frente (CYPEL, 2011).

Em relação ao seu desenvolvimento emocional, este é um período em que a criança faz muitas tentativas de se tornar independente, mas sempre quer a mãe em vista para correr para ela em momentos de necessidade. Além disso, a família é o centro dos afetos dela e ela não a divide com ninguém. Outro aspecto é que a criança superestima suas capacidades e pode ficar muito frustrada com seus fracassos, o que exige do adulto disponibilidade para acolhê-la. (CYPEL, 2011). Portanto, será "uma idade cheia de encantos e prazer para os pais, apesar dos períodos de rebeldia e tirania que podem ser muito cansativos" (CYPEL, 2011).

3.2 A presença dos avós no desenvolvimento

A família, segundo o dicionário, é definida por: "grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (exp. o pai, a mãe e os filhos); grupo de pessoas com ancestralidade comum; pessoas ligadas por casamento, filiação ou adoção" e, atualmente, esse conceito também se dá por diferentes configurações, que vai além da família nuclear, o que inclui principalmente os avós.

Esta estrutura familiar é crucial para o desenvolvimento infantil, posto que o desenvolvimento pode ser influenciado, entre outros fatores, por insumos econômicos como a renda das principais figuras (mãe e pai) e pelo tempo que os cuidadores investem em estar com a criança, sejam eles os genitores ou as demais pessoas que realizam este papel.

Os avós podem assumir o cuidado dos netos por diferentes razões, seja pela sobrecarga de trabalho dos filhos, por questões financeiras, por morte de um dos genitores, por desconhecimento da paternidade da criança, por dependência química dos filhos, por abuso infantil e/ou negligência (CARDOSO; BRITO, 2014). Portanto, é possível que essas pessoas influenciem no desenvolvimento do self das crianças.

Os cuidados com os netos na sociedade contemporânea, como mostra Coutrim, Broto, Maia e Vieira (2006), tem evidente diversificação. Há avós que são cuidadores integrais dos netos, outros que assumem apenas um período do dia, outros veem os netos nos finais de semana e há aqueles que os encontram eventualmente. Dada essas diversificações, colocaremos o enfoque baseado em avós que cumprem período integral ou apenas por um período durante a semana no cuidado com os netos.

De acordo com Billé (2002 apud BRITO; CARDOSO, 2014), é esperado que os avós sejam sutis no cuidado com os netos, sendo capazes de se relacionarem com a criança, oferecendo afeto e cuidado sem destituir a função dos pais. No entanto, nota-se maior intervenção dos avós na criação dos netos, em que estes mantêm disponibilidade constante, influenciam nos projetos de educação das crianças, dão conselhos que dizem respeito a sua própria experiência de vida, quando acabam sobrepondo a orientação passada pelos genitores, ultrapassando a autoridade dessas figuras. Isto pode ocorrer devido às necessidades das tarefas realizadas por eles estarem alinhadas a uma forte necessidade dos pais, em repassar ou compartilhar a criação de seus filhos (ATTIAS-DONFUT et al. 2001 apud BRITO; CARDOSO, 2014). Portanto, nessa situação, pode ocorrer que os avós assumam responsabilidades que dizem respeito aos pais em relação à criança, atitude que pode não ser percebida pelos membros da família.

Com base no estudo realizado por Dias (2008 apud DEUS; DIAS, 2016), observa-se que esta relação entre avós e netos pode acarretar em influências negativas na vida das crianças, e é ainda mais forte quando avós mimam excessivamente os netos. Ainda, quando estes criticam seus filhos em relação à criação que os netos estão recebendo.

O cuidado dos avós com os netos desperta sentimentos diversos, Cardoso e Brito (2014), descreve sentimentos como: alegria, amor incondicional, gratificação, prazer e obrigação de cuidar os netos. Por outro lado, também associa a aspectos negativos como: queda na qualidade da saúde física e emocional das avós, interferências vividas em suas vidas social e familiar em função do cuidado dos netos, sobrecarga financeira e a surgimento de sentimentos como esgotamento emocional, e cansaço.

As relações entre os avós e netos se transformam ao longo do crescimento dos netos (OLIVEIRA; PINHO, 2013), tendo em vista que os avós sempre estão presentes acompanhando e influenciando nas várias fases do desenvolvimento. A seguir, será explorada a influência deles no desenvolvimento cognitivo, motor, socioemocional, linguístico e também no comportamento adaptativo das crianças.

3.2.1 Desenvolvimento cognitivo

O desenvolvimento cognitivo, como já dito em nossa introdução, pode ser caracterizado pela condição de processar informações também é o aparecimento da linguagem e inteligência (NUNES, 2010). Os cuidadores dos bebês e crianças, por exemplo, se adaptam

à fala deles, assim como eles já se encontram predispostos para interagir com seus membros da mesma espécie e dedicar-se à estímulos linguísticos (PINKER, 2002; ROCHAT, 2001), os adultos da mesma espécie então possuem aptidão a cuidados parentais (KELLER, 2007) e também uma habilidade intuitiva para os mesmos (PAPOUSEK; PAPOUSEK, 1991 apud PESSÔA et al., 2016). Sendo assim, a criança já nasce em um ambiente linguístico e dessa forma tende a se desenvolver utilizando a linguagem aprendida com seus cuidadores, podendo ainda interagir com eles, de acordo com o contexto em que está inserida, se desenvolvendo tanto cognitivamente, como socialmente.

Kreppner (2000) aborda sobre a importância das relações intergeracionais (entre avós e netos), já que um grande papel dos avós é transmitir conhecimento. Dessa forma, toda cultura é transmitida de geração em geração e os avós são como perpetuadores da cultura familiar. Sommerhalder e Nogueira (2000) ressaltam que os avós são experientes pela maturidade e pelo poder de transmitir valores às gerações. Assim, os avós possuem grande influência na capacidade da criança em pensar e agir, até mesmo na escola, onde estão sempre participando ativamente na educação da criança, contribuindo tanto para o crescimento pessoal, como para a sua formação e desempenho escolar, a partir de histórias e tarefas.

3.2.2 Desenvolvimento motor

O desenvolvimento motor condiz ao amadurecimento do comando sobre os músculos do organismo. A partir disso, há a maturação do sistema nervoso, permitindo, assim, que a criança interaja e receba informações do meio. Não há informações na bibliografia a respeito da influência dos avós neste desenvolvimento.

3.2.3 Desenvolvimento socioemocional

No que diz respeito ao desenvolvimento socioemocional, diversos autores fizeram suas contribuições a respeito da influência dos avós. Falcão e Salomão (2005) afirmam que os avós auxiliam novos pais a lidar com as mudanças advindas do nascimento do bebê, o que é percebido por Unger e Wanderman (1988) como um fator que gera mais responsabilidade nos pais. Porém, isso deve ser feito com cuidado, pois um nível elevado de envolvimento na criação dos netos por parte dos avós é relacionado a consequências negativas, tendo em vista

que com o tempo esse arranjo familiar pode causar estresse na família e afetar a saúde mental das crianças (FALCÃO; SALOMÃO, 2005).

Ungles e Cooley (1992 apud FALCÃO; SALOMÃO, 2005) apontam que a educação das crianças, a socialização com outras gerações e a solidariedade para com elas podem ser favorecidas, tendo em vista que os avós contribuem "para a diminuição dos preconceitos e isolamento em relação ao idoso, e promovem laços afetivos" (RAMOS; MARUJO; BAPTISTA, 2012). Além disso, eles passam sua herança psíquica e cultural desde o nascimento, deixando um legado de solidariedade, ou seja, sentimentos como "o amor, a amizade, o respeito e o sentido de justiça" (RODRIGUES, 2013).

Além destes, Freud (1909 apud DIAS, 2004), Abraham (1961 apud DIAS, 2004) e Lidz (1983 apud DIAS, 2004) também deram suas contribuições. Freud notou o uso da avó para afastar o pai e Abraham notou que "os avós podem ser utilizados como meio de defesa contra sentimentos dirigidos aos pais". Já Lidz disse acreditar que eles influenciam positivamente, ajudando as crianças a serem confiantes e independentes, uma vez que os avós não sentem tanta necessidade de ficar junto por todo o tempo.

3.2.4 Desenvolvimento linguístico

Na infância a criança é exposta a uma dada comunidade linguística e é neste momento que o desenvolvimento linguístico tem início, pois com o objetivo de se comunicar com os membros da comunidade, a criança começa a adquirir a linguagem do local (Gonçalves et al., 2011). Partindo deste ponto, discorreremos acerca do desenvolvimento da linguagem na infância com base em autores da teoria psicanalítica.

De acordo com Meltzer (1984 apud MÉLEGA, 2007), a linguagem é constituída em dois estados; a partir do inconsciente, na identificação projetiva, e através de um estado mais consciente, no qual abrange palavras para comunicação com o exterior. Milner (2010) enfatiza que para Freud, o inconsciente é fundamentalmente definido por um conjunto de pensamentos, acrescentando a ele uma cronologia, onde o inconsciente do sujeito é determinado por seu passado individual, assim como a linguagem.

Ainda de acordo com o ensaio de Meltzer (1984 apud MÉLEGA, 2007), na psicanálise existe um cenário de transação de conhecimento, inicia-se na fase oral, a partir da relação bebê-peito (mãe), considerando que o peito contém todo o conhecimento da realidade psíquica. O desenvolvimento da linguagem na criança é complexo, pois o impulso no qual ela

se utiliza para a formação da linguagem e seu uso, faz com que ocorra apropriação de seus elementos formais, pelo processo de identificação e pelo ensino dos pais.

Ao nascer, a criança já se encontra inserida em um meio linguístico com predisposições para desenvolver e usar sua linguagem. Sabendo disso, com o cuidado cada vez mais compartilhado, podemos incluir os avós na interação com essa criança, fazendo uso da linguagem com as características específicas do contexto em que vivem. A criança por sua vez, é envolvida nesse "manto linguístico", no qual ela se desenvolve cognitiva, emocional e socialmente. Isto é o que Keller (2007) chama de envelope narrativo.

Como abordado, nas famílias atuais, além das mães, os avós também podem fornecer esse envelope narrativo. São esses cuidadores que fomentam um chamado subsistema de desenvolvimento, abordado por Harkness e Supper (1996 apud PESSÔA et al., 2014): um sistema articulado de três subsistemas - o ambiente físico e social, as crenças e as práticas de cuidadores.

3.2.5 Desenvolvimento do comportamento adaptativo

Entende-se como comportamento adaptativo, a capacidade do indivíduo em promover sua própria adaptação em diferentes contextos de vida. A seguir, iremos discutir a respeito das características do desenvolvimento desse comportamento adaptativo na infância com base na teoria psicanalítica.

Ao longo da vida o ser humano passa por diferentes transformações, sendo necessário adaptar-se a diferentes contextos. De acordo com Freud (apud FARIAS et al., 2015), o desenvolvimento humano acontece por fases, na qual a primeira é a fase Oral, que contempla do 0 aos 18 meses de vida, onde o bebê explora o mundo através da boca, com experiências de troca inconsciente e mundo externo que constroem sua personalidade. Marcondes (1992, apud Farias et al., 2015) traz que os traços orais que forem mantidos estarão sempre ligados às características predominantes do homem. Desta forma, pode-se entender que parte da personalidade do homem ocorre como resultado das situações vivenciadas durante a fase oral, podendo ser responsável por diferenças entre a personalidade de uma pessoa para outra em sua vida adulta.

Sabe-se que a afetividade é essencial na infância, o cuidado e atenção dedicados ao bebê, propiciam a ele melhores condições em seu desenvolvimento e, de acordo com Winnicott (1965 apud PESSÔA et al., 2014), é esperado que na fase oral haja a dependência

absoluta do bebê para com a mãe e esta exerça o papel de cuidado com total dedicação aos desejos e emoções de seu bebê, considerando-o não apenas um ser com necessidades fisiológicas, mas também com pulsões, desejos e emoções. Todavia, é fundamental que, ao longo do desenvolvimento desse bebê, a mãe consiga sair da dependência e permita que a criança caminhe em direção a uma maior independência.

No desenvolvimento dessa criança também ocorre a interação afetiva e de cuidados com os avós. Estas trocas afetivas e emocionais são fundamentais, constituindo-se em experiências através das quais o bebê aprende sobre as pessoas e sobre si mesmo. Baseando-se nessas experiências, a criança aprende a antecipar as reações das outras pessoas e inova a capacidade de expressar-se emocionalmente com o outro, demonstrando comportamento adaptativo com novas interações afetivas (FORBES et al., 2004 apud PESSÔA, et al., 2014).

4 CONCLUSÃO

Este estudo atingiu o objetivo de identificar a influência dos avós no desenvolvimento infantil. Apresentamos o resultado de nossas pesquisas de modo que profissionais e pesquisadores possam ter acesso as características de cada período do desenvolvimento, bem como a influência dos avós em cada área dele.

A revisão sistemática chegou a 9 referências e os resultados demonstraram que apesar do esperado, ou seja, que os avós se relacionarem com a criança sem interferir na função dos pais, muitos deles acabam ultrapassando esse limite e influenciando no projeto de educação das crianças. Isto é visto tanto de um modo negativo, quanto de um modo positivo: alguns avós podem mimar os netos em excesso e até mesmo criticar seus filhos em relação a criação que estão dando a seus netos, mas, por outro lado, eles podem dar muito amor, carinho e atenção a eles. Além disso, o fato dos avós terem grande responsabilidade na criação dos netos pode ser prejudicial a eles, podendo trazer queda na qualidade da saúde física e interferência em suas vidas sociais, e familiares.

Verificou-se, na literatura analisada, a influência dos avós no desenvolvimento infantil e seus aspectos positivos e negativos. Entretanto, a quantidade de modelos descritos ainda é pequena e novos estudos devem ser realizados com o intuito de investigar estas influências e suas consequências no período de desenvolvimento.

THE INFLUENCE OF GRANDPARENTS ON CHILD DEVELOPMENT: A SYSTEMATIC REVIEW OF LITERATURE

ABSTRACT: The aim of this study is to compare the development of children who are raised by their parents or just one of them, with children who have the active participation of grandparents in this period, based on psychoanalytic theory. Studies were carried out with children in early childhood, who live with their parents or just one of them, with and without the presence of grandparents and related to child development. The research pointed that different life experiences of grandparents influence different fields of development when it comes to educating grandchildren, both positively and negatively, given that on the one hand grandparents contribute to the development of a greater respect between generations, and on the other hand, there may be confusion and inversion of the roles of grandparents with the child's parents.

Keywords: Child development. Grandparents. Early childhood. Influence of grandparents. Psychoanalisis.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental.** São Paulo: Martins Fontes, 1988. 225 p.

BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 202 p.

CARSON, V. Et al. **Systematic review of sedentary behavior and cognitive development in early childhood.** Preventive Medicine, [S.l.], s.d., 2015. Caderno 78, p. 115–122. Disponível em: <https://daneshyari.com/article/preview/3100403.pdf>. Acesso em: 10 de Maio de 2020.

CARDOSO, A. R.; BRITO, L. M. T. Ser avó na família contemporânea: Que jeito é esse?. **Psico-USF.** Itatiba, v. 19, n. 3, p. 433-441, set.qdez., 2014. Scielo Brasil.

CYPEL, Saul (Org). **Fundamentos do desenvolvimento infantil:** da gestação aos 3 anos. 1 ed. São Paulo: Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, 2011. 176 p.

COUTRIM, R. M. E., BROTO, I. G., MAIA, I. O., & VIEIRA, L. C. **Apontamentos a respeito do papel dos avós no cotidiano escolar de crianças do ensino fundamental**. Em IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2006.

DEUS, M. D; DIAS, A. C. G. Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. **Pensando Famílias.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 112-125 dez. 2016. PePSIC.

DIAS, C. M. S. A influência dos avós nas dimensões familiar e social. **Maxwell – PUC RIO.** Rio de Janeiro, p. 34-38, nov., 2004. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5743/5743.PDF. Acesso em: 5 de Setembro de 2020.

FALCÃO, D. V. S.; SALOMÃO, N. M. R. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia.** Campinas, v. 22, n. 2, p. 205-212, abr./jun., 2005. Scielo Brasil.

FARIAS, T. M. S.; NANTES, E. S., AGUIAR, S. M. Fases psicossexuais freudianas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL. 4., 2015. Maringá. Femismos, identidade de gênero e políticas públicas. Maringá: UEM, 2015. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>. Acesso em: 16 de Agosto de 2020.

GALVÁN, G. B.; MORAES, M. L. T. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. **Aletheia.** Canoas, n. 30, p. 50-58, dez. 2009 . PePSIC.

GONÇALVES, F. M; R. et al. **O conhecimento da língua:** Percursos do desenvolvimento. 1 ed. Lisboa: Ministério da Educação, 2011. 95p.

KELLER, H.; CHASIOTIS, A. Maternal investment**.** In: SALMON, C. A.; SHACKELFORD, T. K. **Family relationships:** An evolutionary perspective. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2007. cap. 5, p. 91-114.

KREPPNER, Kurt. The child and the family: interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, v. 16, n. 1, p. 11-22, Apr. 2000. Scielo Brasil.

MÉLEGA, M. P. Linguagem em psicanálise: gênese e significação. **Ide.** São Paulo, v. 30, n. 44, p. 56-59, jun. 2007. PePsic.

MILNER, J. C. Linguística e Psicanálise. **Revista Estudos Lacanianos.** Belo Horizonte, v. 3, n. 4, 2010. PePsic.

NATIONAL SCIENTIFIC COUNCIL ON THE DEVELOPING CHILD (NSCD), 2004, Massachusetts **Children's Emotional Development Is Built into the Architecture of Their Brains: Working Paper.** Massachusetts: Center on the Developing Child - Harvard University, 2004. Disponível em: <https://developingchild.harvard.edu/wp-content/uploads/2004/04/Childrens-Emotional-Development-Is-Built-into-the-Architecture-of-Their-Brains.pdf>. Acesso em 14 de Setembro de 2020.

NUNES, A. **Introdução à psicologia do desenvolvimento**. São Cristóvão/SE: Aula 4, p 112, 2010. Disponível em: <https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalago/15131901112016Introducao_a_Psicologia_do_Desenvolvimento._Aula_1.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, A. R. V.; PINHO, D. L. M. Relações entre avós e seus netos adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 633-642, jul./set. 2013. Scielo Brasil.

OLIVEIRA, M. C. T. **Tempo de amamentação e desenvolvimento infantil:** Uma comparação por meio da Escala Bayley III. 2020. 124f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

PESSOA, L. F. et al. Sistemas de cuidados e o discurso de diferentes cuidadores do Rio de Janeiro: evidências de trajetória de desenvolvimento. **Estududos de Psicologia (Campinas).** Campinas, v. 33, n. 1, p. 71-82, mar. 2016. Scielo Brasil.

PINKER, S. **O instinto da linguagem:** Como a mente cria a linguagem. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 640 p.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A. HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. Brasília, v. 24, n. 2, p. 335-342, jun. 2015. Scielo Brasil.

RAMOS, N; MARUJO, M.; BAPTISTA, A. **A voz dos avós.** 2. Ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2012. 343p.

ROCHAT, P. **The infant's world**. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2001. 272 p.
RODRIGUES, J. P. V. **Os avós na família e sociedade contemporâneas:** Uma abordagem intergeracional e intercultural. 2013. 491f. Tese de doutoramento em Psicologia – Universidade Aberta, São Paulo, 2013.

SEPTEMBER, S.J., RICH, E.G., ROMAN, N.V. The role of parenting styles and socio-economic status in parents' knowledge of child development. **Early Child Development and Care**, vol. 186, p. 1060–1078, 2015. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/281407681_The_role_of_parenting_styles_and_socio-economic_status_in_parents'_knowledge_of_child_development>. Acesso em: 15 de Setembro de 2020.

SHONKOFF, J.P. Protecting brains, not simply stimulating minds. **Science**. Massachusetts, vol.333, n.6045, p.982-983, ago. 2011. Disponível em: < https://science.sciencemag.org/content/333/6045/982>. Acesso em 14 de Junho de 2020.

STILES, J.; JERNIGAN, T. L. The Basics of Brain Development. **Neuropsychol Review**, [S.l.], dez. 2010. Caderno 20, p.327–348. Disponível em: < https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2989000/>. Acesso em: 10 de Setembro de 2020.

SOMMERHALDER, C.; NOGUEIRA, E.J. As relações entre gerações. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. **E por falar em boa velhice.** 1. ed. Campinas: Papirus, 2000, p.101-112.

VERNY, T.R.; WEINTRAUB, P. **O bebê do amanhã**. 1 ed. São Paulo: Barany, 2014. 384 p.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo.** 6 ed. Rio de Janeiro: LCT - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982. 272 p.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana.** Rio de Janeiro: Imago, 1990. 224 p.

WINNICOTT, D.W. **Os bebês e suas mães.** São Paulo:Martins Fontes, 1994. 98 p.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. 268 p.